

PAISAGEM EM MOVIMENTO

PONTE ENTRE DOIS MUSEUS

MUSEU
REPUBLICANO
DE ITU
— USP

MUSEU
PAULISTA
— USP


museu da cidade
SALTO


PREFEITURA
DA ESTANCIA TURISTICA DE
SALTO

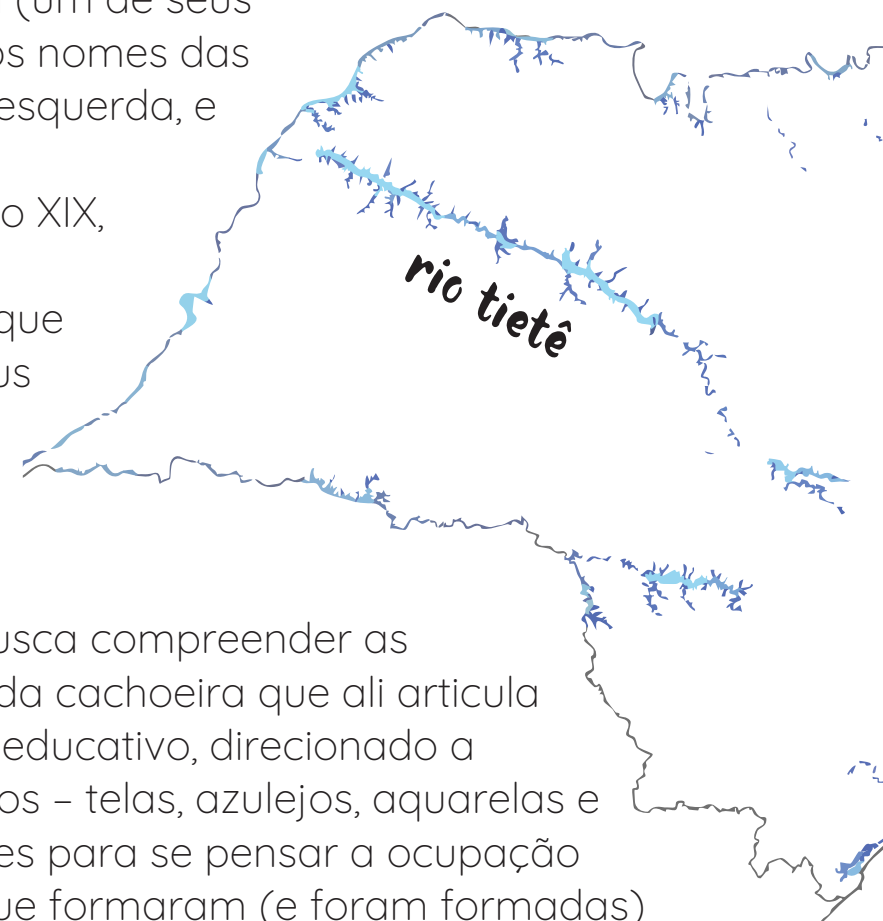
UTU-GUASSU



A expressão significa “cachoeira grande” em tupi-guarani, nome dado por esses povos indígenas à queda do rio Tietê situada um pouco abaixo da barra do rio Jundiaí (um de seus principais afluentes), e está na origem dos nomes das cidades de Itu, nascida em sua margem esquerda, e Salto, na margem direita. A cachoeira foi representada por vários artistas do século XIX, além de ter sido registrada em inúmeras

fotografias profissionais e amadoras ao longo século XX, sendo que boa parte do acervo daí surgido hoje está preservado em museus e centros culturais de ambas as cidades, entre eles o Museu Republicano Convenção de Itu/MP/USP, em Itu, e no Museu da Cidade de Salto “Ettore Liberalesso”.

O roteiro “Paisagem em movimento: ponte entre dois museus” busca compreender as paisagens desse trecho do rio Tietê a partir das representações da cachoeira que ali articula e particulariza as duas margens. Para tanto, o presente material educativo, direcionado a educadores e estudantes, apresenta diversos tipos de documentos – telas, azulejos, aquarelas e fotografias de ambos os museus – que podem servir como pontes para se pensar a ocupação desse território, bem como, a cultura material e as identidades que formaram (e foram formadas) nesse processo, continuamente marcado pela presença física e afetiva do grande salto.



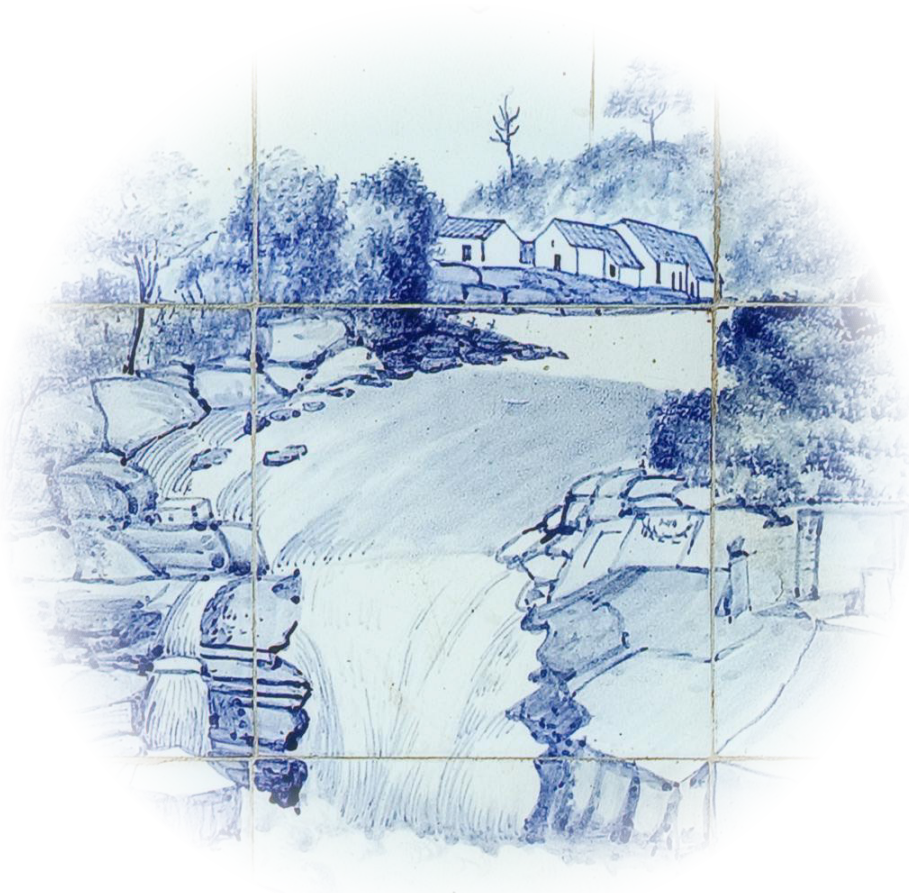
MUSEU REPUBLICANO

O Museu Republicano Convenção de Itu foi inaugurado pelo presidente do estado de São Paulo, Washington Luis Pereira de Sousa, a 18 de abril de 1923 e, desde então, subordinou-se administrativamente ao Museu Paulista (Museu do Ipiranga) que, em 1934, tornou-se instituto complementar da recém-criada Universidade de São Paulo e a ela se integrou em 1963. Trata-se de uma instituição científica, cultural e educacional, especializada no campo da História e da Cultura Material da sociedade brasileira, com ênfase no período entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, tema central de atuação a documentação e pesquisa sobre o período de configuração do regime republicano no Brasil.

Encontra-se instalado em um sobrado histórico em Itu, erguido nas décadas iniciais do século XIX, e que se tornou residência da família Almeida Prado. Foi nesse local que se realizou, em abril de 1873, a famosa reunião de políticos e grandes cafeicultores, conhecida posteriormente como a Convenção Republicana de Itu, marco originário da campanha republicana e da fundação do Partido Republicano Paulista.



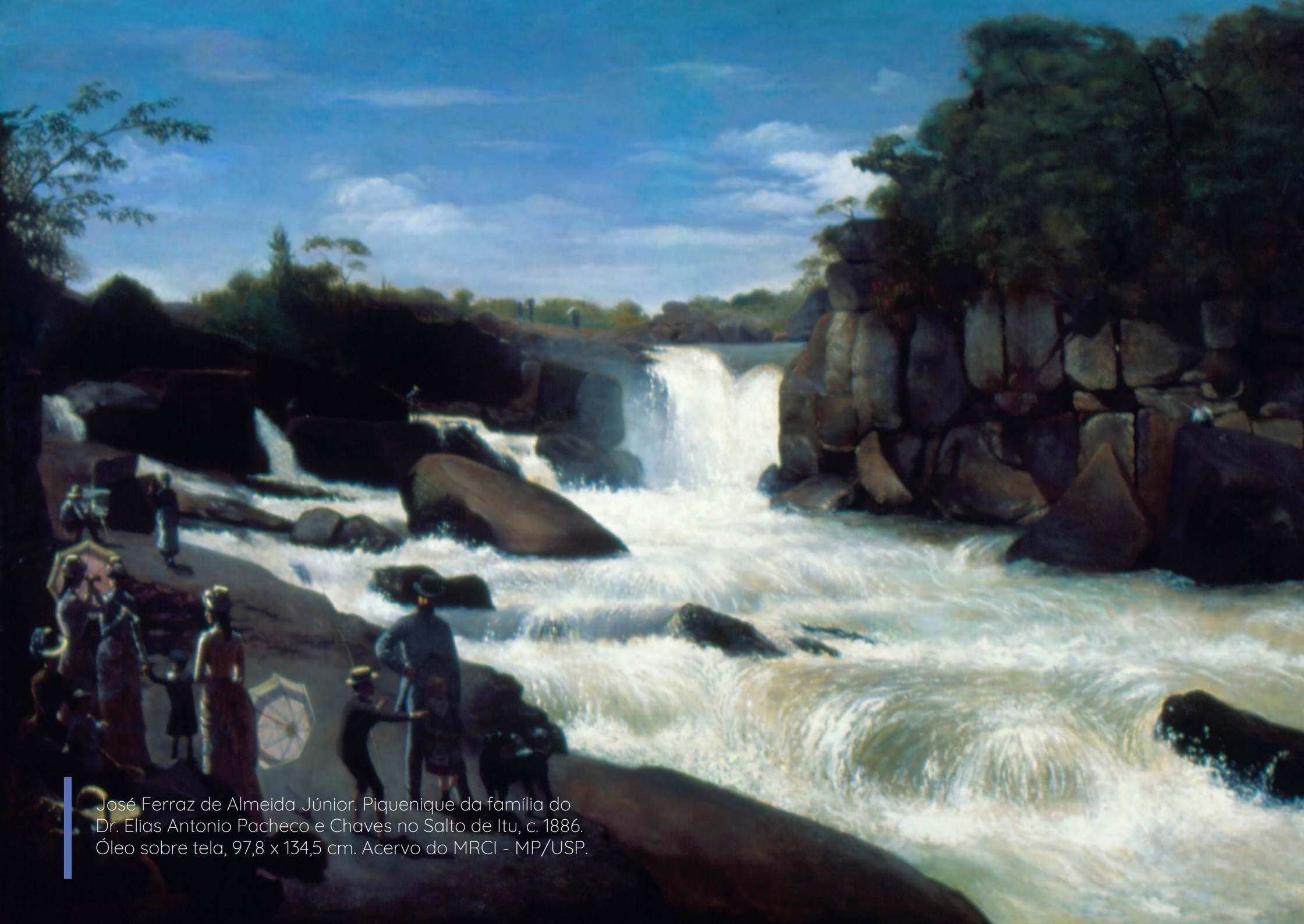
Detalhe de Antonio Luis Gagni. Salto de Itu (baseado em desenho de Hércules Florence), 1926. Painel de azulejos, 50 x 135 cm. Acervo do MRCI - MP/USP.



Detalhe de Antonio Luis Gagni. Salto de Itu no Tietê (baseado na aquarela e Miguel Dutra), 1845. Painel de azulejos, 45 x 45 cm. Acervo do MRCI - MP/USP.

O acervo do Museu Republicano foi formado na gestão do diretor Affonso Taunay, entre 1923 e 1945. Inicialmente, foram privilegiados acervos direcionados ao episódio da Convenção de Itu e à memória do Partido Republicano Paulista (PRP), bem como aspectos da vida cotidiana de famílias abastadas de fazendeiros paulistas do século XIX. Para isso, foram adquiridos móveis, telas e objetos de diferentes estilos, procedências e épocas, além de retratos de líderes políticos participantes da Convenção e do movimento republicano.

No acervo do Museu Republicano de Itu encontram-se representações da Cachoeira de Salto. Dentre elas, destacam-se uma pintura à óleo sobre tela, uma aquarela sobre papel e dois painéis de azulejos. Vamos conhecê-los?



José Ferraz de Almeida Júnior. Piquenique da família do Dr. Elias Antonio Pacheco e Chaves no Salto de Itu, c. 1886. Óleo sobre tela, 97,8 x 134,5 cm. Acervo do MRCI - MP/USP.



JOSÉ FERRAZ DE ALMEIDA JÚNIOR

A tela *Piquenique da família do Dr. Elias Antonio Pacheco e Chaves no Salto de Itu*, pintada em 1886, representa um momento de lazer da família de Elias Antonio Pacheco e Chaves (1842-1903), fazendeiro, empresário e político ituano.

Em primeiro plano, junto à margem esquerda do rio, se observa a cena familiar e, em segundo plano, um homem sentado a pintar, que parece aludir ao próprio autor da tela. Já no centro da composição, está a grande cachoeira do Tietê, ladeada por paredões rochosos e por frondosa vegetação.

A rocha em questão é o granito, elemento característico do solo dessa região e que prepondera entre as rochas que formam o leito do rio nos trechos mais encachoeirados do seu alto curso. Já a flora aí representada pode ser caracterizada como uma formação mista, que abriga tanto espécies vegetais comuns nas matas ciliares que cresciam juntos às margens do rio, como plantas típicas dos campos de matações, como bromélias e cactáceas.

José Ferraz de Almeida Júnior nasceu na cidade de Itu/SP, em 1850. Formou-se na Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro e na École National Supérieure des Beaux-Arts de Paris, França. Retornou ao Brasil em 1882 e instalou seu ateliê em São Paulo. Faleceu na cidade de Piracicaba/SP em 1899.

MIGUELZINHO DUTRA

O artista **Miguelzinho Dutra** (Itu, 1810 – Piracicaba, 1875) produziu uma série de aquarelas que estão preservadas no Museu Republicano e descrições sobre a paisagem desse território:

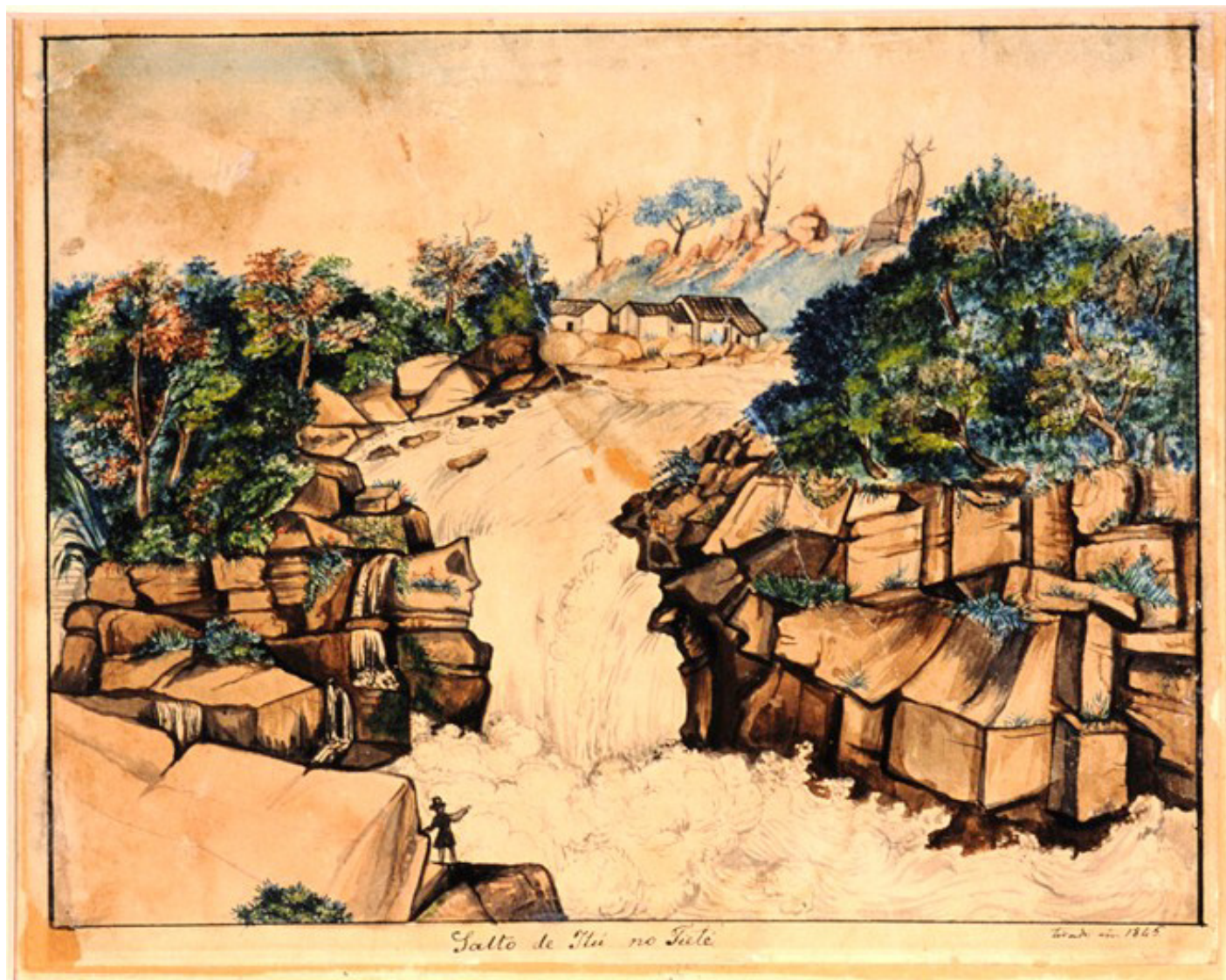
“O Salto é um magnífico passeio de Itu. Medonha é a sua queda que vai precipitada até ao seu final remate. Magníficos penedos formam as duas margens do rio. Um continuado nevoeiro saído da queda das águas, a certa hora, reproduz à vista do observador a visão do arco-iris. Milhares de pássaros-taperás, e abrigam e moram numa grande fenda junto ao mesmo salto. Parasitas e uma própria vegetação de musgos e flores da região, brotando dos penedos, enlevam a vista do observador. No tempo de Verão há concorrência de gente para banhos e distrações.

(...) Passam por êste lugar as estradas de Campinas, Capivari e outras localidades. Dista de Itu uma légua e, acima do Salto há uma lavra de ouro no rio, da qual já retiraram muito, em outros tempos; meu pai trabalhou no metal dessa lavra.”



Miguelzinho Dutra (1812-1875).
Salto de Itu no Tietê, 1845, aquarela
sobre papel, 5,5 cm (diâmetro).
Acervo do MRCI - MP/USP.

Miguelzinho Dutra (1812-1875).
Salto de Itu no Tietê, 1845, aquarela
sobre papel, 16,7 x 20,8 cm. Acervo
do MRCI - MP/USP.





Antonio Luis Gagni. Salto de Itu no Tietê
(baseado na aquarela e Miguel Dutra),
1845. Painel de azulejos, 45 x 45 cm.
Acervo do MRCI - MP/USP.

Affonso Taunay, primeiro diretor do Museu Republicano Convenção de Itu, idealizou o conjunto de painéis de azulejos que foram acrescentados às paredes do piso térreo do museu, entre os anos de 1942 e 1953.

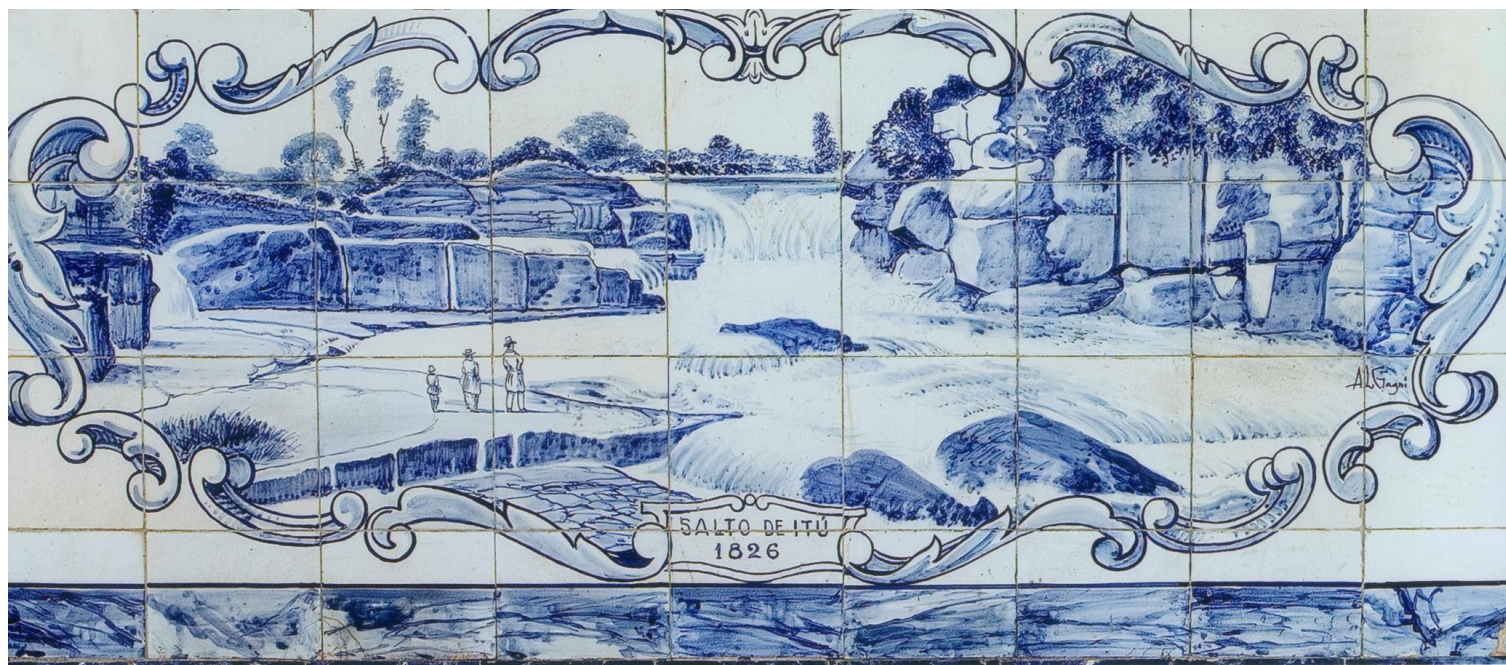
Antonio Luiz Gagni, artista e ceramista de São Paulo, foi contratado para pintar os painéis monocromáticos (constituídos apenas pela cor azul, em contraste com a cor branca dos azulejos) que formam o conjunto.

O programa iconográfico foi elaborado a partir de referências documentais textuais e iconográficas. Os painéis com paisagem da cachoeira foram baseados em imagens produzidas por Hércules Florence e Miguel Archanjo Benício de Assumpção Dutra.

Hércules Florence, durante sua viagem no curso do Rio Tietê, juntamente com o registro em desenho, descreveu a cachoeira da seguinte maneira:

“(...) a água adquire forte correnteza; esbarra de encontro a rochas esparsas; espuma em torno; espandana branca como neve; precipita-se entre dois grandes maciços e forma uma primeira queda de 15 pés de altura mais ou menos. (2007: 16)” (Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829, 2007).

Antonio Luis Gagni.
Salto de Itu (baseado
em desenho de
Hércules Florence),
1926. Painel de azulejos,
50 x 135 cm. Acervo do
MRCI - MP/USP.



MUSEU DA CIDADE DE SALTO “ETTORE LIBERALESSO”

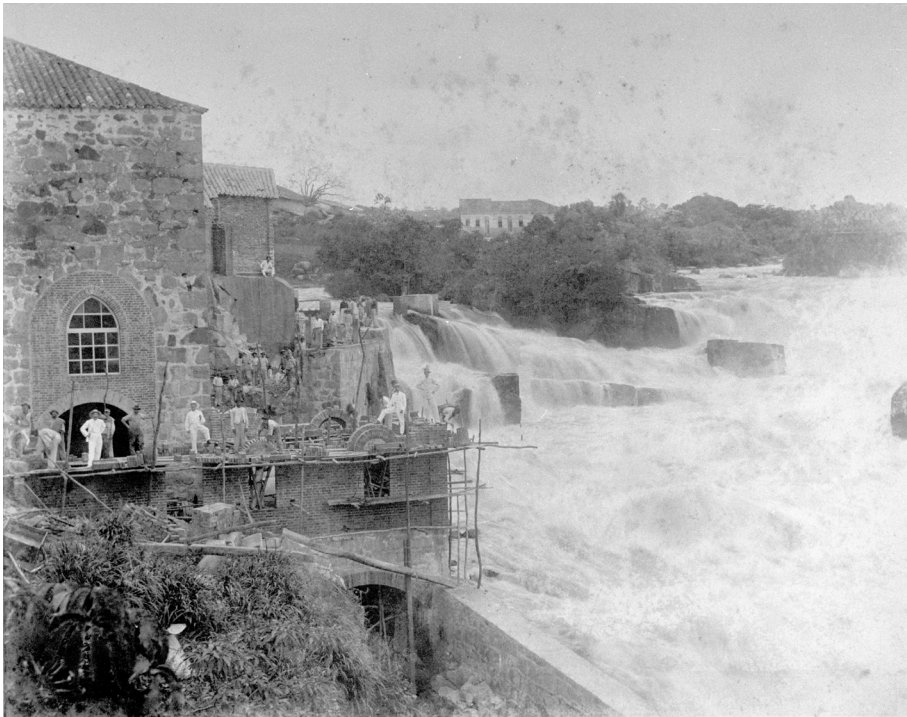
Localizado em um conjunto arquitetônico construído em 1903, a Casa D'Italia, acolheu diversas atividades desenvolvidas pela Sociedade Italiana de Mútua Assistência “Giuseppe Verdi” ao longo do tempo, como a sede da Corporação Musical Giuseppe Verdi, o Cine Verdi, o Círculo de Leitura Dante Alighieri e a Escola Anita Garibaldi.

O Museu da Cidade de Salto “Ettore Liberalesso” é uma instituição pública vinculada à Secretaria de Cultura da Estância Turística de Salto. Sua criação partiu de uma ação social, que resultou na contratação de um projeto de museu junto ao escritório do arquiteto e museólogo Júlio Abe Wakahar, em 1989.

O Museu teve sua abertura ao público realizada no dia 13 de dezembro de 1991, data oficial firmada pelo regulamento interno aprovado pelo Decreto nº 046/963. A sua criação foi pautada pela participação ativa dos moradores do município e pelo interesse em preservar a memória da cidade e de seus espaços urbanos, testemunhos vivos da história da Estância Turística de Salto.

A instituição possui como conceito basilar o museu-percurso, pois possui unidades externas, instaladas nos parques da Rocha Moutonnée e de Lavras, além de painéis pela cidade, que narram a história de vias públicas, construções e personagens locais.

FOTOGRAFIAS



Fábrica Fortuna. Construção da Usina junto à cascata. 1903.
Coleção: Brasital S.A.

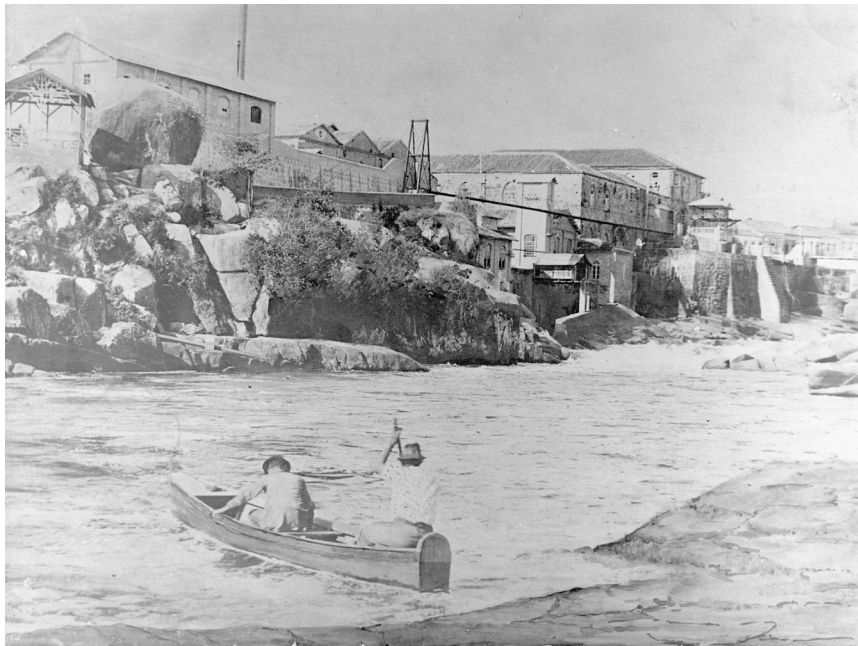
O acervo de negativos fotográficos do Museu da Cidade de Salto “Ettore Liberalesso” é formado por 1856 imagens, produzidas a partir do final do século XIX, que foram doadas por diversas famílias e empresas locais e cuja organização e catalogação foi feita pelo museólogo Júlio Abe Wakahara.

A cachoeira do Rio Tietê e o seu entorno têm lugar de destaque entre as fotografias, ressaltando a sua importância para a identidade saltense. Por meio das imagens podemos observar os registros das cheias e secas do rio, as transformações realizadas pela ocupação e, principalmente, pelas fábricas que ali se instalaram.

A imagem mais antiga da Cachoeira do Salto no acervo foi doada pela Brasital S.A., e data de 1903, ano em que se construiu a usina hidrelétrica junto à queda.

Eduardo Castellari (2001), em seus relatos, descreveu como eram os domingos em Salto, em 1929:

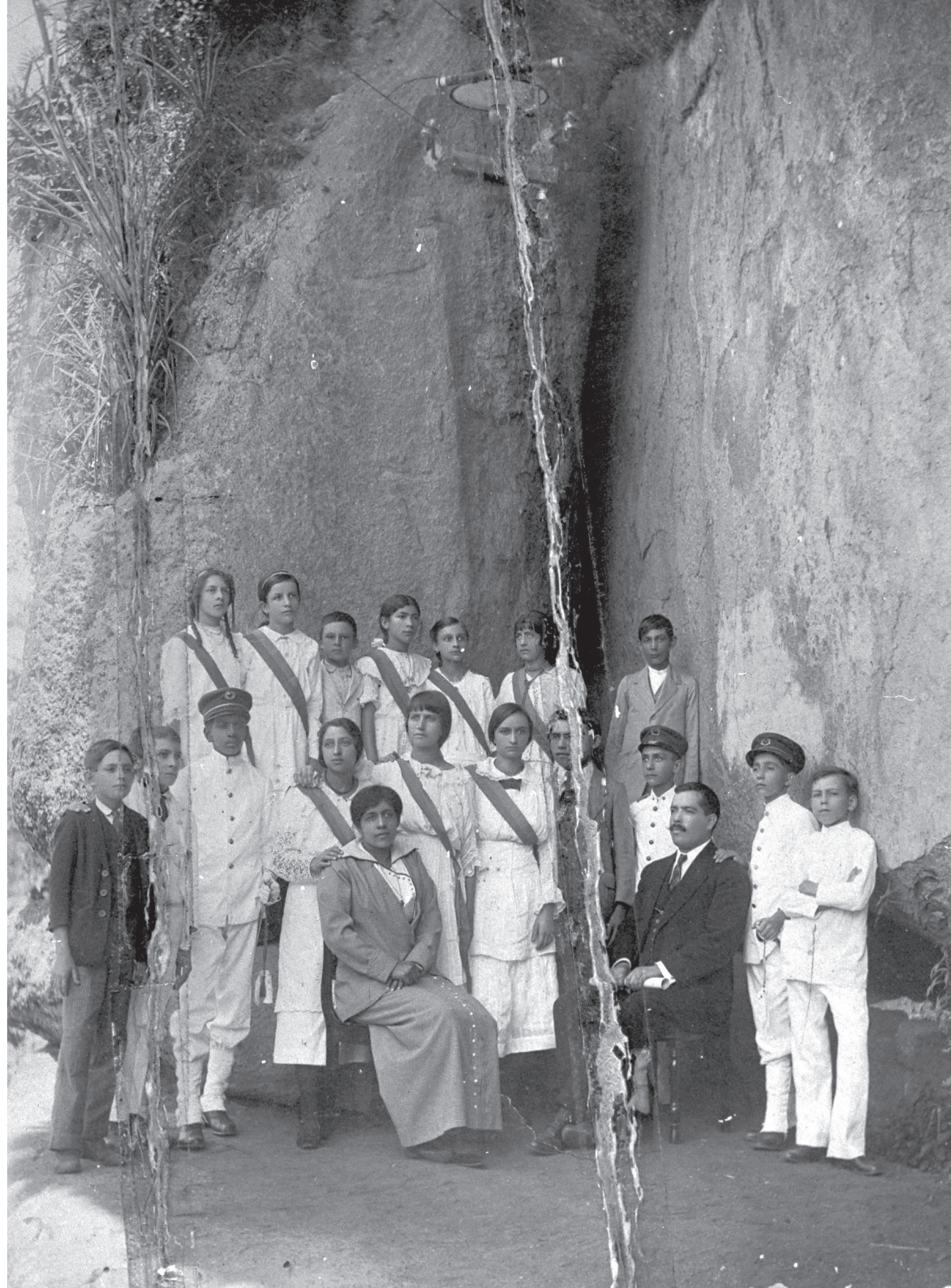
[...] Aos domingos, por volta das 8 ou 9 horas o povo já começava a chegar e a ponte pênsil ficava lotada. Para além da ponte e até a gruta, próxima do teleférico, as pessoas procuravam os melhores lugares para apreciar o grande espetáculo da cascata.



A gruta descrita ficava perto da cascata, entre uma escada e o teleférico (que ligava as duas fábricas, de tecidos e de papel).

Era formada por um paredão vertical de granite, que poderia ter uns 12 metros de largura por 5 de altura e 2 a 3 metros de profundidade, e era encimado por um grande lajedo que se projetava para frente, fazendo a gruta parecer muito maior do que realmente era. Aos domingos os conjuntos musicais tocavam ali. Era também um dos lugares prediletos para cenário de fotografias familiares ou de formaturas do Grupo Escolar.

1ª turma de formandos do Grupo
Escolar de Salto, 1915. Coleção
Geraldo e Nair Sontag.



Eduardo Castellari (2001) também descreve a fauna existente naquele local e que são símbolos do brasão e hino da cidade.



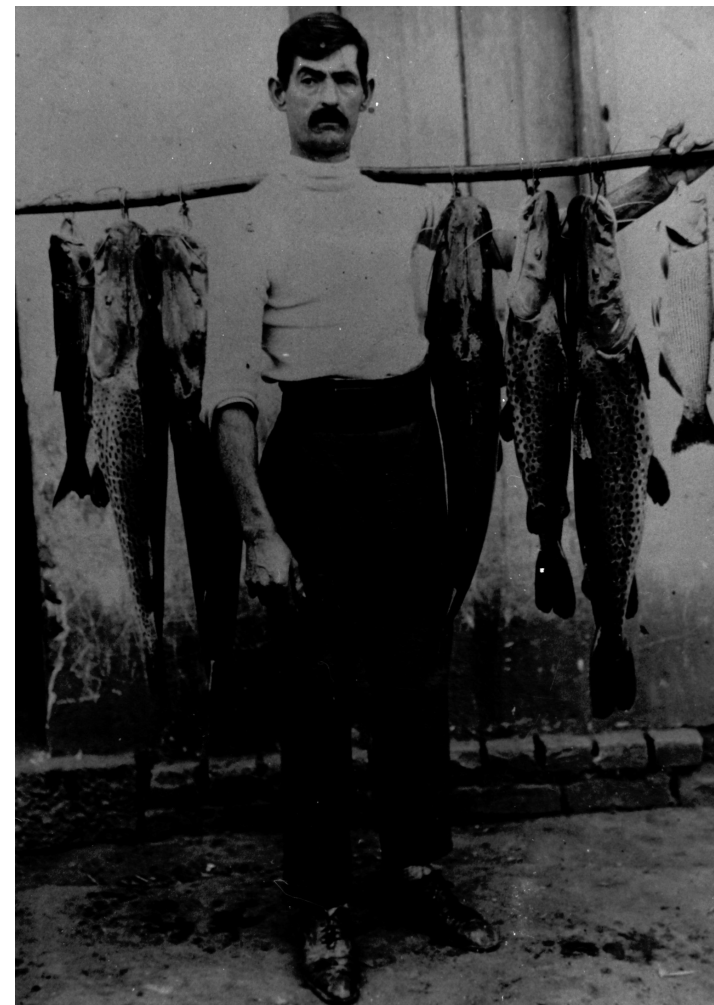
[...] A revoada dos taperás começava! Voando baixo ou alto em círculos, sempre cantando, eles circulavam por todos os lados num majestoso espetáculo de ballet. Era impressionante. A gente sentia sua alegria em poder voar e cantar no meio daquelas nuvens de garoa da cascata. Eram centenas, talvez até milhares de taperás numa grande demonstração de acrobacia aérea. Outros então, preferiam pousar e se agarrar às pedras e debaixo da ponte para receber os borrifos da água. As pedras chegavam a ficar escuras tantos eram os taperás pousados.

Bando de taperás, grudado nas rochas do Salto do Rio Tietê. Década de 1930. Coleção Aurora e Maria Ignez Marques de Oliveira.

A quantidade e qualidade dos peixes em Salto atraíam pessoas de São Paulo e região aos finais de semana, gerando um grande movimento de pescadores na cidade.

[...] E o grande espetáculo se completava com o ballet dos peixes! Centenas deles, em grandes cardumes, tentavam subir o rio e saltavam sobre as corredeiras. E ao saltar, a luz do sol, refletindo neles, enchia o rio de centenas de faíscas prateadas e douradas – quer saltando sobre as ondas, quer pulando sobre as pedras quando a água baixava. Eram grandes cardumes de lambarís, piavas, piquiras, mandis, mandijubas, etc. E, soberano e majestoso, o dourado se sobressaía dentre todos com seu grande tamanho, sua cor amarelada que brilhava ao sol como se fosse de ouro.

Chico Turco, aproximadamente 1940, na Ilha Grande, com uma vara de peixes. obs: Atualmente é conhecida como Campo da Avenida. Coleção: Ettore Liberalesso.



REFLEXÕES E SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Visite esses lugares e tente perceber como estão atualmente!!



Aproveite para fotografá-los, descrevê-los, desenhá-los. Reflita sobre a transformação das paisagens naturais do rio Tietê causadas pelo desenvolvimento urbano das duas cidades e o seu impacto na vida cotidiana de sujeitos sociais em seus aspectos mediados pela interação com o rio. Em que essas reflexões podem contribuir para conscientizar e engajar esses mesmos sujeitos nas ações necessárias para mitigar o efeito da crise ambiental que vivemos?



Conheça os acervos citados e preservados nos museus.



Pesquise sobre outras descrições feitas sobre a cachoeira.



Após as visitas, sugerimos a produção de uma redação sobre a Cachoeira de Salto.

Preencha este espaço com recortes e/ou reflexões

PARA SABER MAIS

No século XVIII, ainda no Brasil Colônia, um poeta rendia homenagens ao Salto de Itu, após tê-lo visitado. Era o português António Dinis da Cruz e Silva, que esteve no Brasil em 1766 como desembargador da Relação do Rio de Janeiro.

Poesias de Antonio Diniz da Cruz e
Silva, Typografia Lacerdina, 1807.
Acervo da Biblioteca Pública de Nova
York. Digitalizado em 22 ago. 2006.

SONETO XLIX

Sobre o grande salto que forma o Rio
Tietê, junto à vila de Itu.

Corre já entre as Serras escarpadas
Já sobre largos campos murmurando
O Tietê, as águas engrossando
Soberbo alarga as margens levantadas.

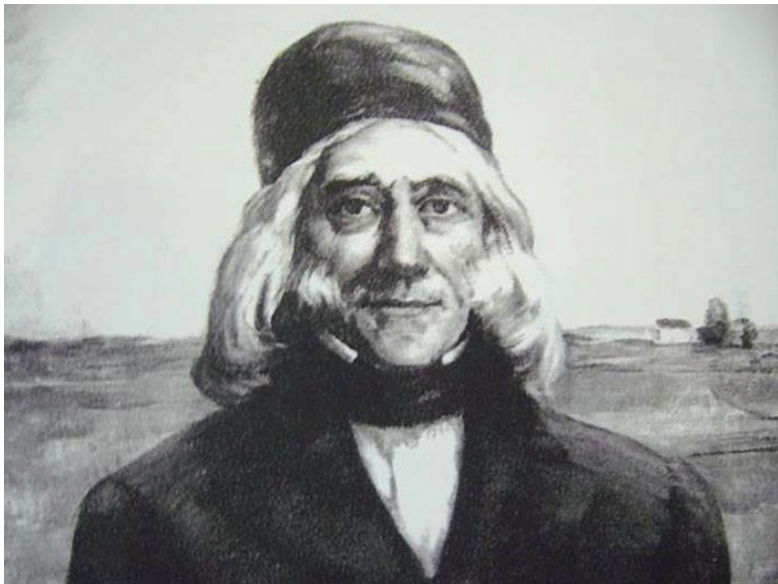
Penedos, pontas, árvores copadas
Quando topa de cólera escumando
Com fragor espantoso vai rolando Nos
vórtices das ondas empoladas.

Mas quanto mais caudal mais orgulhoso
As margens rompe, cai precipitado
Atroando ao redor toda a campina

O próprio retrato é de um poderoso,
Pois quanto mais sublime é seu estado
Mais estrondosa é sua ruína.

SÉCULO XIX – VIAJANTES E CIENTÍSTAS ESTRANGEIROS

Ao longo do século XIX, muitos viajantes estrangeiros estiveram no Brasil, participando de expedições científicas, com o objetivo de estudar, pesquisar, descrever o país e catalogar a flora e a fauna brasileiras. Os relatos de viajantes que por aqui passaram nos fornecem descrições detalhadas que constituem uma fonte preciosa para a compreensão dos espaços sociais do Tietê, ainda que seja necessário levar em consideração o quanto o seu conteúdo foi mediado pelos filtros e referências da cultura letrada da Europa.



Auguste de Saint-Hilaire
Fonte: A Folha Torres

Em sua passagem por Itú, em dezembro de 1819, o viajante francês **Auguste de Saint-Hilaire** descreveu a cachoeira da seguinte maneira:

“Correndo sob a ponte a água, apertada entre os rochedos, escapa-se com ruído; além existe um grande monte de pedras, e um pouco mais longe está a cascata. Depois de ter serpenteado, rapidamente, entre duas fileiras de pedras amontoadas, o rio lança-se de repente num estreito canal, limitado em cada margem por u’a muralha de rochedos a pique, e é ali que o mesmo se precipita, de uma altura de 25 a 30 pés, com inconcebível impetuosidade e um ruído ensurdecedor, ruído tão forte que é escutado na cidade de Itú. (p.237) ”



Johann Jakob von Tschudi
Fonte: Suiços do Brasil

Em fins de agosto de 1860, esteve em Itu, o consul suíço **Johann Jakob von Tschudi**, o Barão de Tschudi. Sua descrição, feita no auge do período de seca, demonstra bem o quanto a impressão de grandiosidade e a admiração surgidas frente ao Salto de Itu eram devidas à enorme vazão água alcançada durante a estação chuvosa – aspecto que explicita o impacto da redução do volume de chuvas na degradação

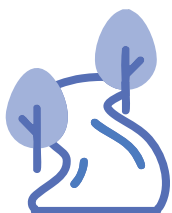
“Itu (palavra indígena que significa queda d’água), grande queda que o Tietê forma nesse lugar. Na época das cheias, esta cachoeira deve oferecer aspecto imponente, mais pelo seu volume d’água que pela altura de onde se despenha. A mim, que a vi na época seca, decepcionou, talvez por causa das tantas descrições exageradas que ouvira dela. (p. 200)”
(Viagem às províncias do Rio de Janeiro e São. Paulo).

PARA APROFUNDAR A LEITURA DOS ACERVOS!



PAISAGEM

Para além do seu sentido mais comum, que remete à ideia de um panorama terrestre a ser contemplado e fruído por um observador distanciados (como as cenas e lugares que vemos em cartões-postais), o conceito de paisagem pretende também explicar e sintetizar as relações entre sociedade e meio natural, a partir dos diferentes elementos, formas e seres vivos ali presentes, cujas interações constituem e configuram os aspectos visíveis dessas paisagens, sem se esgotar neles.



RIO TIETÊ

O Rio Tietê se localiza na bacia Hidrográfica do Paraná. Nasce no município de Salesópolis, e atravessando mais de 60 municípios do estado de São Paulo com seus 1.100 km de extensão, até desaguar no Rio Paraná, na cidade de Itapura, região de divisa entre os Estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul. Diferente da maioria dos rios brasileiros, que correm no sentido do oceano, o Rio Tietê nasce na Serra do Mar e corre em direção ao interior do estado. Esse fator foi crucial para a exploração do interior do território durante o período da conquista portuguesa.

PARA APROFUNDAR A LEITURA DOS ACERVOS!



GRANITO

O Granito é uma rocha ígnea, ou seja, formada pelo resfriamento e solidificação do magma, no caso do granito, esse resfriamento ocorre lentamente no interior da crosta terrestre, resultando em uma rocha com textura fanerítica, sendo possível distinguir os minerais presentes a olho nu. Os principais componentes do granito são: quartzo, plagioclásio e Feldspato alcalino, sendo este último o responsável pela sua coloração. No município de Salto, o granito apresenta principalmente um Feldspato alcalino da cor rosa, sendo conhecido como granito roseo. Por serem rochas duras e resistentes, o granito é utilizado para a construção de pavimentos, revestimentos de pisos, fachadas e ornamentos.

São diversas as formas com que o granito foi utilizado na construção da cidade de Salto, principalmente para o pavimento de calçadas e alicerce de edifícios, sendo também sua extração e manuseio um marco econômico e cultural para o município.

BIBLIOGRAFIA

CASTELLARI, Eduardo. Pesquisa de Salto. Itu: Ed. Ottoni, 2001.

BORREGO, Maria Aparecida de Menezes Borrego (org.). Museu Republicano “Convenção de Itu”: 100 Anos em 100 Objetos. São Paulo: Edusp / Museu Paulista da USP, 2023.

DUTRA, Archimedes. A contribuição de Piracicaba na arte nacional. Tese (Doutorado). Piracicaba: Universidade de São Paulo, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, 1972.

NÓBREGA, Mello. História do Rio Tietê. Ilustrações de J. Wasth Rodrigues; introdução de Leonardo Arroyo. 2. ed. São Paulo: Governo do Estado, 1978.

SILVA, Antonio Diniz da Cruz e. Poesias de Antonio Diniz da Cruz e Silva. Typografia Lacerdina, 1807. Biblioteca Pública de Nova York. Digitalizado em 22 ago. 2006.

TAUNAY, Afonso d’Escragnolle. Guia do Museu Republicano “Convenção de Itu”. São Paulo: Departamento Estadual de Informações, 1946.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HISTÓRIA SALTO. Salto e o granito. Blogspot, 24 fev. 2016. Disponível em: <https://historiasalto.blogspot.com/2016/02/salto-e-o-granito.html>. Acesso em: 115 abril 2025.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Granito. Didático IGC-USP, [s. d.]. Disponível em: <https://didatico.igc.usp.br/rochas/igneas/granito>. Acesso em: 15 abril 2025.

TSCHUDI, Johann Jakob von. Viagem às províncias do Rio de Janeiro e S. Paulo. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1953.

VELLOSO, Augusto Carlos Ferreira. Os artistas Dutra: oito gerações. São Paulo: Sociarte, 2000. p. 22-35.

ZALUAR, Augusto-Emílio. Peregrinação pela província de São Paulo (1860-1861). São Paulo: Livraria Martins Editora, 1953.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Segunda viagem a São Paulo e quadro histórico da Província de São Paulo. São Paulo: Livraria Martins Editora S/A, 1976.

FLORENCE, Hércules. Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas: 1825 a 1829. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007.

CRÉDITOS

MuSeu Republicano Convenção de Itu/ USP

Prof. Dr. Paulo César Garcez Marins
Diretor

Prof^ª. Dr^ª. Maria Aparecida de Menezes Borrego
Vice-Diretora

Prof. Dr. Francisco de Carvalho Dias de Andrade
Supervisor

Aline Antunes Zanatta
Matheus Henrique de Souza
Concepção e produção de textos

José Renato Margarido Galvão
Revisão de textos

Adilson Fernando Pedroso
Maria Cristina Pelisam Nizzola
Educativo

Bruna Megumi Fujita
Editoração e diagramação

MuSeu da Cidade de Salto "Ettore LiberalesSo"

Sandro Bér gamo
Secretário de Cultura

Renato Rozendanz
Chefe de Gabinete da Cultura

Matheus Damato Junior
Diretor de Eventos

Gislaine Silva Barros Topal
Coordenadora do Museu de Salto

Gabriela Pontin Novaes
Historiadora

Giovana Alves Monteiro
João Vitor Agostinho Rodrigues
Leandro Bonizi
Monitores culturais

PAISAGEM EM MOVIMENTO

PONTE ENTRE DOIS MUSEUS

